

Andrea Mandonico

A VIDA E A MENSAGEM DE
CHARLES DE FOUCAULD

“Meu Deus, como sois bom”

Prefácio de Mons. Ennio Apeciti



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Mandonico, Andrea

A vida e a mensagem de Charles de Foucauld : meu Deus, como sois bom / Andrea Mandonico ; tradução de Jaime A. Clasen. - São Paulo : Paulinas, 2022.

224 p. (Coleção Em busca de Deus)

Bibliografia

ISBN 978-65-5808-142-5

Título original: Mio Dio, come sei buono! La vita e il messaggio di Charles de Foucauld

1. Foucauld, Charles de – 1858-1916 - Biografia 2. Santos católicos
3. Vida cristã I. Título II. Clasen, Jaime A. III. Série

22-1279

CDD 922.22

Índice para catálogo sistemático:

1. Foucauld, Charles de – 1858-1916 - Biografia

Título original: Mio Dio, come sei buono:
La vita e il messaggio di Charles de Foucauld
© Libreria Editrice Vaticana

1ª edição – 2022

Direção-geral: Flávia Reginatto
Editora responsável: Marina Mendonça
Tradução: Jaime A. Clasen
Copidesque: Mônica Elaine G. S. da Costa
Coordenação de revisão: Marina Mendonça
Revisão: Ana Cecilia Mari
Gerente de produção: Felício Calegare Neto
Diagramação: Telma Custódio

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2022

*À Irmãzinha Jane de Jesus († 2019),
que me ensinou o longo e alegre
caminho de fidelidade à vida de Nazaré.*



SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	11
CRONOLOGIA.....	15
INTRODUÇÃO.....	17
1. ÉPOCA HISTÓRICA DE CHARLES DE FOUCAULD.....	27
A IGREJA.....	31
2. PERFIL BIOGRÁFICO.....	39
1. NASCIMENTO.....	39
2. ADOLESCENTE.....	41
3. SOLDADO.....	42
4. EXPLORADOR.....	44
5. CONVERSÃO.....	45
6. PEREGRINO NA TERRA SANTA.....	51
7. MONGE TRAPISTA.....	51
8. NAZARÉ.....	53
9. SACERDOTE.....	54
10. BENI ABBES.....	56
11. TAMANRASSET.....	62
12. MORTE.....	65
3. NAZARÉ.....	67
AS SETE CARACTERÍSTICAS DA VIDA DE NAZARÉ.....	76
4. EUCARISTIA E EVANGELHO.....	81
1. A EUCARISTIA.....	83
2. O EVANGELHO.....	88
5. VISITAÇÃO.....	97
1. BENI ABBES.....	105
2. TAMANRASSET.....	108

6. “O JUSTO VIVE DE FÉ”	113
7. “AMOROSA CONTEMPLAÇÃO E APOSTOLADO FECUNDO”	125
8. IESUS CARITAS	139
1. TORNA-SE SERVIÇO	143
2. TORNA-SE BOM EXEMPLO	144
3. TORNA-SE AMIZADE	146
4. TORNA-SE INTERCESSÃO	148
9. “PREGAR O EVANGELHO.. COM A VIDA”	151
10. “TENDES UM SÓ PAI QUE ESTÁ NOS CÉUS”	161
11. IRMÃO UNIVERSAL	175
12. “A ESPERANÇA DE MORRER PELO SEU NOME”	185
13. “EIS QUE VEM O ESPOSO. IDE A SEU ENCONTRO!”	191
APÊNDICE I. CAMINHANDO COM A IGREJA E O PAPA FRANCISCO NAS PEGADAS DE CHARLES DE FOUCAULD, PARA ABRIR UM NOVO CAMINHO	197
PREFÁCIO	197
1. ALGUMAS SUGESTÕES SOBRE A “NOVA ETAPA EVANGELIZADORA”	198
2. EVANGELHO	201
3. IRMÃO UNIVERSAL	208
CONCLUSÃO	215
APÊNDICE II. ESCRITOS DE CHARLES DE FOUCAULD	217
OBRAS E CORRESPONDÊNCIA DE CHARLES DE FOUCAULD CITADAS NO LIVRO	221
OBRAS ESPIRITUAIS	221
CORRESPONDÊNCIA	222

PREFÁCIO

“Assemelhar-se a ti, compartilhar tuas obras, esta é a maior alegria para o coração que te ama. Assemelhar-se, imitar, é uma necessidade violenta do amor; é um dos graus daquela união à qual o amor visa por sua natureza. A semelhança é a medida do amor.”

Estas foram as palavras de Irmão Charles que me vieram à mente, quando Pe. Andrea Mandonico me disse que Charles de Foucauld seria proclamado “santo”; ou melhor – para ser preciso –, quando me comunicou a canonização de Irmão Charles.

“Canonizar” é o termo exato para indicar que alguém é proclamado “santo” da Igreja. E isso tem um significado profundo.

O *cânone* é um *modelo*, algo que não muda e que se toma para repetir continuamente; vêm à mente os *cânticos cânones*, nos quais diversas vozes cantam sucessivamente uma mesma estrofe, começando em tempos diferentes, até à conclusão, quando as vozes dos vários coros se fundem em um grandioso e solene final.

Canonizar quer dizer propor alguém como modelo de cristão autêntico. Quer dizer indicar uma pessoa, homem ou mulher, que encarnou na sua vida, com plenitude, o Evangelho, e exatamente por isso pode ser proposta como modelo convincente aos outros irmãos e irmãs, a todos nós.

Por isso, é o Papa quem canoniza, porque ele indica aquele irmão ou aquela irmã como “modelo precioso” de cristão, modelo a imitar, e o faz com a autoridade que lhe vem pelo seu ministério de sucessor de Pedro e de guia da Igreja.

Charles de Foucauld é, portanto, um modelo autêntico de cristão, um exemplo também para mim e para todo aquele

que se faz a pergunta: “Como faço para ser santo?”. Na Bíblia – penso no capítulo 19 do Levítico –, Deus chama todos a serem santos. Mas como tornar-se santo?

No fundo, todos temos necessidade de modelos: precisa dele o artista para pintar um quadro ou esculpir uma estátua; precisa dele o engenheiro ou o cientista que – ajudado hoje pelos computadores – prepara um “modelo”, um “projeto”, para verificar sua possibilidade e confiar aos seus colaboradores sua realização; precisa dele o estudante, ao ler as poesias dos grandes poetas ou as novelas dos grandes autores, para aprender a escrever, para ter um modelo de escrita; precisa dele o menino para se tornar homem. Cada um de nós tem seu “herói”, alguém a quem, desde pequenos, queríamos imitar. Alguém se torna padre, freira ou missionário porque, normalmente, encontrou um “modelo”, um exemplo, um padre, uma irmã ou um missionário, que o marcou, que o provocou e fez nascer em seu coração a pergunta: “Se ele/ela é assim, por que eu também não poderia ser?”.

Por este motivo, quando soube que Pe. Charles seria *canonizado*, pensei de novo na frase que escrevi no início deste texto: “Imitar é uma necessidade violenta do amor. A semelhança é a medida do amor”.

Vale também para mim. Foi verdadeiro também para mim. Não só com relação ao Senhor Jesus, que Irmão Charles quis “imitar”, com quem quis “assemelhar-se” com todas suas forças e todo seu desejo: “Quando se ama, se imita, quando se ama, se olha o Bem-amado e se faz como ele faz; quando se ama, encontra-se muita beleza em todos os atos do Bem-amado, em todos seus gestos e em todos seus passos, em todos seus modos de ser, que se imita, se segue todo, conforma-se em tudo. É uma coisa instintiva, quase necessária”.

“Bem-amado” é um termo que hoje quase se tem um pouco de pudor em se pronunciar, ao passo que para Charles

de Foucauld foi a exigência de toda sua vida, o desejo que perseguiu com todas suas forças e para o qual esteve pronto a tudo e no qual encontrou tudo.

Para Jesus, esteve pronto a tudo: deixou sua vida agitada, abandonou suas comodidades, seus divertimentos, até seus vícios, porque foi “conquistado” por Cristo. Deixou sua pátria, vagou pela Palestina e pelo deserto da África, vivendo apenas do essencial, porque encontrara tudo em Jesus.

Desde adolescente buscara a alegria, mas não a tinha encontrado. Reli muitas vezes sua reflexão: “Fazia o mal, mas não o aprovava nem o amava. Dava-me uma tristeza profunda, um vazio doloroso, uma tristeza que nunca provara até então... Voltava a mim toda noite, quando me encontrava só no meu apartamento... permanecia mudo e abatido durante o que chamam de ‘festas’: eu as organizava, mas, chegado o momento, ficava em um mutismo, um desgosto, um aborrecimento infinito... Dava-me aquela inquietação vaga de uma má consciência, adormecida, mas não morta de todo, e isso bastava para me causar mal-estar, que envenenava minha vida...”.

Até que encontrou Jesus. Então, tudo mudou. Do tédio ressurgiu o entusiasmo: “Assim que acreditei que havia um Deus, compreendi que não podia fazer outra coisa senão viver só para ele: Deus é tão grande, há uma diferença tão grande entre Deus e tudo o que não é ele...”.

Talvez seja também exatamente por isso que amo Charles de Foucauld: porque é alguém que nunca se contentou, que nunca se resignou, que sempre esperou.

Irmão Charles não fez julgamento da sociedade, do mundo do seu tempo, que é tão semelhante ao nosso, semelhante ao tempo de todos os tempos. Irmão Charles preferiu outro modo de enfrentar o presente; escolheu outro programa de vida: “O programa é este: amor, amor, bondade, bondade.

Meu apostolado deve ser o apostolado da bondade. Ao ver-me, deve-se dizer: ‘Já que este homem é tão bom, sua religião deve ser boa’. Se alguém se pergunta por que sou bondoso e bom, devo dizer: ‘Porque sou o servo daquele que é muito melhor do que eu. Se soubesses como é bom o meu patrão Jesus!’”. E teve razão.

Hoje é tão fácil ser lamentoso, pessimista, crítico. Parece que nada, nunca, vai bem. Parece que entre nós, cristãos, o mau humor está mais difundido do que a “paz” e a serenidade que Jesus nos prometeu e veio trazer-nos.

Talvez estejamos aborrecidos e sejamos resmungões porque perdemos – ou nos diminuí – o entusiasmo, a convicção de poder transformar o mundo e nós mesmos; de tornar bela a vida das pessoas e nossa: “Toda nossa existência, todo nosso ser deve gritar o Evangelho sobre os telhados; toda nossa pessoa deve respirar Jesus; todos nossos atos, toda nossa vida, devem gritar que pertencemos a Jesus, devem apresentar a imagem da vida evangélica; todo nosso ser deve ser uma pregação viva, um reflexo de Jesus, um perfume de Jesus, algo que grite Jesus, que faça ver Jesus, que resplandeça como a imagem de Jesus”.

Ele estava convicto disso. Eu também gostaria de estar sempre convicto! Por isso amo Charles de Foucauld.

Mons. Ennio Apeciti

Reitor do Pontifício Seminário Lombardo, em Roma, consultor da Congregação das Causas dos Santos e do Clero, responsável pelo Ofício das Causas dos Santos da arquidiocese de Milão, Cônego Teólogo de Santo Ambrósio

CRONOLOGIA

15 de setembro de 1858	Nasce em Estrasburgo (França)
1864	Órfão: em 13 de março, sua mãe morre; em 9 de agosto, seu pai
30 de outubro de 1876	Entra na escola militar de Saint-Cyr
Março de 1882	Dá baixa do exército
10 de junho de 1883 a	
23 de maio de 1884	Expedições em Marrocos
23/30 de outubro de 1886	Conversão
Novembro de 1888 a	
fevereiro de 1889	Peregrinação à Terra Santa
16 de janeiro de 1890	Entra para a Trapa de Notre-Dame des Neiges, na França
11 de julho de 1890	Entra para a Trapa de Akbes, na Turquia
23 de janeiro de 1897	Deixa a Trapa
10 de março de 1897	Em Nazaré, torna-se eremita doméstico das Clarissas
9 de junho de 1901	É ordenado sacerdote
28 de outubro de 1901	Chega a Beni Abbes (Argélia)
11 de agosto de 1905	Chega a Tamanrasset
1ª de dezembro de 1916	Morre em Tamanrasset
13 de novembro de 2005	Beatificação
26 de maio de 2020	Canonização anunciada pelo Papa Francisco

INTRODUÇÃO

Narrar a história de um santo significa também descrever o tempo e a sociedade em que viveu, acompanhá-lo em seu itinerário histórico, descobrir os traços de seu amor por Cristo e pelos irmãos, procurando identificar não apenas sua meta como também seu coração. Pareço encontrar o coração do caminho de santidade de Charles de Foucauld – e, portanto, a possibilidade de compreender toda sua vida – no momento decisivo de sua conversão, ocorrida no final de outubro de 1886. Ao escrever a um amigo, diria: “Perdi o coração por este Jesus de Nazaré crucificado há 1900 anos e passo minha vida buscando imitá-lo na medida da minha fraqueza”. Uma imitação que se concentra no mistério de Nazaré. Deus o chamara a imitar Jesus na sua vida oculta, “abraçando a existência humilde e obscura do divino operário de Nazaré”. Dessa imitação vem tudo aquilo que “explica” a vida de Irmão Charles. Apaixonado por Jesus, conhece-o na frequência diária do Evangelho e plasma seu ser na celebração e na adoração eucarística, para depois se tornar caridade/fraternidade para com todos os irmãos, “sem distinção nem exceção”, sejam eles cristãos, judeus, muçulmanos, ateus, bons ou maus. Uma evangelização que nasce da contemplação do mistério da Encarnação e encontra no mistério da Visitação a modalidade prática própria de Irmão Charles. Ele escreve:

Toda nossa vida [...] deve ser uma pregação do Evangelho mediante o exemplo; toda nossa existência, todo nosso ser deve gritar o Evangelho sobre os telhados; toda nossa pessoa deve respirar Jesus; todos nossos atos, toda

nossa vida, devem gritar que pertencemos a Jesus; devem apresentar a imagem da vida evangélica; todo nosso ser deve ser uma pregação viva, um reflexo de Jesus, um perfume de Jesus, algo que grite Jesus, que faça ver Jesus, que resplandeça como a imagem de Jesus.¹

Um dos motivos que me levaram a escrever esta breve biografia de Charles de Foucauld foi a beatificação dos mártires de Argélia, ocorrida em 8 de dezembro de 2018. Ao ler o belo livro publicado pela Libreria Editrice Vaticana sobre a vida e a mensagem dos bem-aventurados mártires de Tibhirine,² descobri, mais uma vez, que a raiz da espiritualidade e do testemunho deles, até o martírio, encontra-se exatamente em Charles de Foucauld. Como ele, acompanharam o povo argelino e viveram ali momentos difíceis, sabendo que isso poderia exigir-lhes doar a própria vida. Quiseram compartilhar o destino do povo argelino acontecesse o que acontecesse, servindo a ele na oração e na caridade até a morte. “Certamente, os testemunhos deles estão misteriosamente ligados ao amor pelo povo argelino, há oitenta anos de distância.”³ Ademais, há uma afinidade espiritual surpreendente. Basta percorrer as páginas deste livro e descobrir que o Irmão Célestin encontrou na Fraternidade Sacerdotal Jesus Cáritas um apoio a seu ministério;⁴ que “o Irmão Bruno é o homem da vida oculta em Nazaré”;⁵ que o Irmão Christian de Chergé, prior de Tibhirine, não só iniciou seu testamento – “obra de arte da literatura religiosa contemporânea” – em 1º de dezembro de 1993, aniversário da morte de Charles de

¹ C. de FOUCAULD, *La bonté de Dieu*, p. 285.

² T. GEORGEON; F. VAYNE. *Semplicemente cristiani*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2018.

³ *Ibid.*, p. 94.

⁴ *Ibid.*, p. 51.

⁵ *Ibid.*, p. 139.

Foucauld, como também, como ele, amava a “espiritualidade de Nazaré” e “estava convencido de que, para entender os muçulmanos, é preciso imergir com humildade entre eles, saindo do frente a frente para estar lado a lado, na veneração do Deus único, mediante os meios da amizade e da oração”.⁶

Um segundo motivo foi a leitura da exortação do Papa Francisco *Gaudete et exultate*. Trata-se de um convite à santidade, meta elevada e última de toda vida cristã. A vida e a santidade de Charles de Foucauld podem ser lidas com transparência e, de fato, há ali muitas páginas em que podemos encontrá-lo. Já no n. 1, onde o Papa Francisco afirma que: “O Senhor pede tudo e, em troca, oferece a vida verdadeira, a felicidade para a qual fomos criados. Quer-nos santos e espera que não nos resignemos com uma vida medíocre, superficial e indecisa”, podemos rastrear toda a vida de Irmão Charles.

No n. 14, o Papa parece fazer uma síntese da vida de Nazaré, quando escreve: “Muitas vezes somos tentados a pensar que a santidade esteja reservada apenas àqueles que têm possibilidade de se afastar das ocupações comuns para dedicar muito tempo à oração. Não é assim. Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, em que cada um se encontra”.

No n. 16, ele nos convida a estar atentos aos “pequenos gestos”, enquanto, nos n. 143-146, aos “tantos pequenos detalhes diários”. Como não pensar em Irmão Charles, em sua vida em Tamanrasset, quando dizia:

Sejamos infinitamente delicados em nossa caridade; não nos limitemos aos grandes serviços, mas tenhamos a terna delicadeza que desce aos detalhes e sabe, com coisas mínimas, pôr tanto bálsamo nos corações.

⁶ Ibid., p. 53; 93, 148.

[...] Desçamos também nós, com aqueles que nos são próximos, aos pequenos detalhes da saúde, da consolação, das orações, das necessidades. Consolemos, confortemos com as mais minuciosas atenções; tenhamos para com aqueles que Deus coloca ao nosso lado aquelas atenções ternas, delicadas, pequenas que os irmãos muito afetuosos teriam entre eles, que as mães muito afetuosas teriam para com os seus filhos, com o fim de consolar enquanto possível todos aqueles que nos cercam e ser para eles um motivo de consolo e um bálsamo, assim como Nosso Senhor sempre foi para todos aqueles que se aproximavam dele.⁷

Além disso, no n. 17, o Papa Francisco nos torna atentos ao Senhor, que “nos convida a novas conversões”. “Viver só para ele” levou Charles de Foucauld a uma “vida vária e atormentada, quase vagabunda” pelas estradas da Europa, do Oriente Médio e, enfim, do Saara. Quantas vezes, nos momentos cruciais, ele teve de escolher de novo Deus e colocá-lo novamente em primeiro lugar, por meio de contínuas e novas conversões que permitiam que a graça se manifestasse melhor na sua existência e na missão que Deus lhe confiara, para reproduzir na sua vida um aspecto do Evangelho (cf. n. 20).

Sempre segundo o Papa Francisco, o caminho da santidade é o caminho das bem-aventuranças. E Charles de Foucauld soube fazer transparecer no dia a dia da sua vida as bem-aventuranças, nas quais se delineia mais uma vez o rosto do Mestre (cf. n. 63). O Papa escreve que “é necessário conhecê-las bem para imitar o Senhor, porque elas são um espelho no qual ele se reflete”.

⁷ C. DE FOUCAULD, *La bonté de Dieu*, p. 124-125.

Papa Francisco nos faz intuir que as bem-aventuranças têm plena realização em Mateus 25,35-36: “Tive fome e me deste de comer, tive sede e me deste de beber, era estrangeiro e me acolheste, estava nu e me vestistes, doente e me visitastes, no cárcere e viestes a mim”. “Quando, Senhor?” “Amém, eu vos digo: toda vez que fizestes isso a um desses meus irmãos menores, a mim o fizestes” (Mt 25,40). Irmão Charles testemunha:

Creio que não haja palavra do Evangelho que tenha causado impressão mais profunda em mim, e mais transformado a minha vida, do que esta: “Tudo o que fizestes a um destes pequeninos, foi a mim que fizestes”. Quando se pensa que estas palavras são as palavras da Verdade incriada, as palavras da boca que disse: “Isto é o meu corpo... isto é o meu sangue”, com que força somos levados a buscar e amar Jesus nestes pequenos, nestes pobres”.⁸

Esses pequenos, esses pobres, ele encontrou no Saara, onde quis ir como sacerdote para ser, com Jesus e como Jesus, salvador. Salvador não com grandes obras, mas com uma vida cristã heroica e com sua humilde presença, fazendo a todos os que encontrou todo o bem possível, como fez Jesus em Nazaré, sem fazer barulho, sem pôr-se à mostra, mas “silenciosamente, secretamente; [...] pobremente, laboriosamente, humildemente, docemente, com bondade como ele”.

É uma salvação que passa pela intercessão e pela súplica por esses irmãos “aos quais falta tudo, porque lhes falta Jesus”, mediante o apostolado da bondade, da amizade cordial e fraterna, sendo gentis e humildes com todos, e

⁸ J.-F. SIX, *L'Aventure*, p. 210.

especialmente com uma vida doada em um amor sem limites para cada pessoa, sem exclusões, sem fronteiras, entrevedo em todos o rosto do Pai, “porque em cada irmão, especialmente no mais pequeno, frágil, indefeso e necessitado, está presente a própria imagem de Deus” (n. 61).

Um amor infinito que experimentou sobretudo nos três anos em Nazaré, onde no convento das Clarissas viveu “enterrado na vida de Nazaré como aí se enterrou [o próprio Jesus] por 30 anos”; onde cada dia buscou ser pequeno e pobre como era Jesus, nas longas horas de adoração, na prolongada leitura do Evangelho, “para ter sempre na mente os atos, as palavras, os pensamentos de Jesus, a fim de pensar, falar, agir como Jesus, seguir os exemplos e os ensinamentos de Jesus”, até ser transformado em Evangelho vivo.

E é precisamente entre esses irmãos mais pobres que o Senhor nos chama a ser verdadeiros discípulos do nosso Santo. A Igreja deve hoje continuar a missão de colocar os últimos no centro da sua vida, exatamente porque esta foi a escolha do Filho de Deus que se fez carne: ser o último, o servo de todos, colocando-se no último lugar, reconhecendo-se entre os pobres e compartilhando sua humilde vida. E viver assim não de má vontade, mas “estimando infinitamente [esses] nossos irmãos mais pequenos, os mais humildes, os mais rústicos; honrando-os como os preferidos de Jesus”.

Também a nós, como nos ensinou Charles de Foucauld, não é pedido que façamos grandes obras nem usemos grandes instrumentos, mas simplesmente que contemplemos,

sobretudo com amor [...] sem interrupção, o Bem-amado Jesus durante seu trabalho cotidiano, vigiando de noite, na adoração da divina hóstia e na oração, dando sempre ao espiritual o primeiríssimo lugar, imitando Jesus em Nazaré, no seu amor imenso por Deus. Fazendo correr,

brilhar esse grande amor de Deus e de Jesus sobre todos os homens “pelos quais Cristo morreu”, “resgatados a preço caro”, “amando-os como ele os amou”.⁹

Um terceiro motivo. O fascínio que nosso Santo exerce ainda hoje na Igreja e fora dela, a meu ver, se dá por ele ter reproposto uma volta pura ao Evangelho. Irmão Charles não nos ofereceu uma espiritualidade nova, mas nos fez descobrir hoje, como São Francisco no seu tempo, que ser cristão significa pertencer a Jesus Cristo e viver do seu Evangelho. Seu esforço para traduzir o Evangelho para o tuaregue e falar a língua desse povo não lhe é uma originalidade própria: todos os missionários o fizeram e fazem. Sua característica é exatamente esse apego ao Evangelho e, por meio deste, ter o olhar fixo em Jesus, o “Modelo único”, “o Irmão e Senhor bem-amado”, o “verdadeiro Santo”. Ele, Jesus, é o centro da nossa vida. Foucauld escreve:

Olhemos os santos, mas não fiquemos na sua contemplação: contemplemos com eles Aquele cuja contemplação encheu a vida deles. Aproveitemo-nos dos seus exemplos, mas sem ficarmos muito tempo parados nem tomarmos por modelo completo este ou aquele santo, mas tomando de cada um aquilo que nos parece mais conforme com as palavras e os exemplos de Nosso Senhor Jesus, nosso único e verdadeiro modelo, servindo-nos, assim, das suas lições não para imitá-los, mas para melhor imitar Jesus.¹⁰

Quando Jesus deixa os seus, que formou com seu ensinamento e testemunho, não lhes deixa os evangelhos. Ele era

⁹ C. DE FOUCAULD, *Carnet de Beni Abbés*, p. 104.

¹⁰ C. DE FOUCAULD, *Opere spirituali*, p. 13.

o Evangelho; os apóstolos – e com eles todos os discípulos –, em Pentecostes, se tornam, por sua vez, segundo a graça recebida, evangelhos vivos. O Evangelho, para Charles de Foucauld, não é acima de tudo um documento escrito, mas uma “Boa Notícia” a ser proclamada com a própria vida nas relações diárias e em toda ocasião. O tesouro que recebeu e que quer compartilhar com todos é um testemunho, um “fogo” a acender no seguimento de Jesus. E o fará com um zelo exemplar, que leva em conta também o martírio.

Uma última observação antes de concluir esta breve introdução. Minha intenção não foi dar lições sobre Irmão Charles, mas antes tocar e refletir sobre os pontos salientes da sua espiritualidade e da sua pastoral, pois delas nascem e nelas se encontram sua fonte, deixando, o quanto possível, os textos falarem.

Ele exprimia assim essa estreita relação entre espiritualidade e pastoral:

Desde o primeiro momento em que se ama, imita-se e contempla-se. A imitação e a contemplação fazem necessária e naturalmente parte do amor, porque o amor tende à união, à transformação do ser que ama no ser amado; e a imitação é a união, a unificação de um ser com outro mediante a semelhança; a contemplação é a união de um ser com outro mediante o conhecimento e a visão... Imitamos, portanto, Jesus por amor, atuamos em toda circunstância por amor de Jesus...¹¹

Só alguém enamorado pode utilizar esta linguagem mística, à qual hoje não estamos mais habituados, mas que devemos simplesmente acolher, se quisermos entender o ânimo profundo não só de Charles de Foucauld como também

¹¹ C. DE FOUCAULD, *La bonté de Dieu*, p. 217.

de todos os santos. Estou sempre mais convencido disto: o imenso desejo de evangelização de Irmão Charles brota de uma verdadeira santidade de vida.

Gostaria de terminar com outra imagem do Papa Francisco, que, no *Ângelus* de 1º de novembro de 2017, assim se dirigiu aos fiéis reunidos na Praça de São Pedro:

Os santos não são modelos perfeitos, mas pessoas atravessadas por Deus. Podemos compará-los com os vitrais das igrejas, que fazem entrar a luz em diferentes tonalidades de cor. Os santos são nossos irmãos e irmãs que acolheram a luz de Deus no seu coração e a transmitiram ao mundo, cada qual segundo a própria “tonalidade”. Mas todos foram transparentes, lutaram para tirar as manchas e a escuridão do pecado, para fazer passar a luz amável de Deus. Esta é a finalidade da vida, fazer passar a luz de Deus, e também a finalidade da nossa vida.

Em 17 de janeiro de 1917, Mons. Bonnet, bispo de Viviers e então bispo de Irmão Charles, que tinha sido incardinado em sua diocese, escreve à irmã dele para lhe dar condolências:

Na minha longa vida conheci poucas almas mais amantes, mais delicadas, mais generosas e mais ardentes que a dele, e raramente me aproximei de almas mais santas. Deus o tinha penetrado de tal maneira que todo seu ser transbordava em efusões de luz e de caridade.¹²

¹² R. BAZIN, *Charles de Foucauld*, p. 467.

1

ÉPOCA HISTÓRICA DE CHARLES DE FOUCAULD

*Os faróis que a mão de Deus acendeu
no início do século atômico chamam-se
Teresa de Lisieux, Charles de Foucauld,
os Irmãozinhos e as Irmãzinhas...
(Card. Y. M. Congar)*

Um homem – e sua vida – é muito mais apreciado quando se conhece o contexto no qual viveu. Por este motivo, empenhados em colher “a experiência de Nazaré” de Charles de Foucauld, que nos dispomos a descrever, estamos convencidos de que, para compreender sua grandeza humana e experiência espiritual, devemos conhecer o tempo e a história do século no qual viveu.¹

O século XIX, no seu conjunto, aparece como um século preso entre guerras e revoluções: primeiro a francesa (1789-1799), depois uma guerra que, pela primeira vez, teve uma dimensão mundial (1914-1918) e uma revolução, a russa (1917), que mudaria o aspecto político não só da Rússia como também do mundo.

¹ Para este capítulo, ver Andrea MANDONICO, Nazaret. *Un luogo, un simbolo, un'esperienza nella spiritualità di Charles de Foucauld (1858-1916)*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Gregoriana, 2000, p. 13-27.

Todos esses acontecimentos, com sua carga de ideais e de novas situações políticas e sociais, precisam de amadurecimento e ajustamento nos vários países. Fixando o olhar na Europa, é impressionante como todos esses acontecimentos não impediram o desenvolvimento industrial nem a expansão colonial, que, exatamente nesse século, atinge seu desenvolvimento máximo.

Do ponto de vista eclesial, o século XIX é influenciado por dois fatores: o poder temporal dos papas e a crise desse poder até seu desaparecimento. Também na vida espiritual não há grandes figuras de místicos, tampouco correntes verdadeiras de mística; é um século de devoções. Mas é também um século que vê o reflorescimento das antigas ordens suprimidas pela revolução francesa, o nascimento de novos institutos religiosos, mais atentos à realidade do povo de Deus no qual estão imersos, e uma fileira de sacerdotes que, embora lhes falte uma formação adequada, sabem exprimir generosidade e caridade admiráveis: é o século de João Maria Vianney, o santo cura d'Arç (1786-1859), e do bem-aventurado A. Chevrier (1826-1879); dos santos sacerdotes turinenses: P. B. Lanteri (1759-1830), J. Cafasso (1811-1860), J. Allamano (1851-1929) e J. Bosco (1815-1888); bem como de L. Guanella (1842-1915), de A. Rosmini (1797-1855), de H. Huvelin (1838-1910) e do Card. J. H. Newman (1801-1890), para citar os mais conhecidos.

Politicamente a França, por volta de 1815, conta com cerca de 30 milhões de habitantes. Destes, quase todos são batizados, mas poucos frequentam a igreja; além disso, carregam uma profunda ignorância religiosa. Os protestantes são cerca de 500 mil e os israelitas, cerca de 60 mil. A França também tem de enfrentar o problema da reconstrução religiosa: muitas dioceses estão sem bispos há anos e diversas paróquias, sem pároco. A revolução deixa marcas profundas tanto no povo como na *élite* cultural burguesa; em muitas dioceses,

o povo se afasta da fé e os ambientes culturais estão imbuídos de forte anticlericalismo. Restam também grupos e fiéis muito próximos da Igreja e sinceramente abertos ao problema religioso, mas a situação se apresenta muito complexa e polarizada em torno de duas almas: uma católica e outra anticlerical. Esse anticlericalismo, empenhado na difusão da imprensa contrária à religião e à Igreja, tem muitos seguidores também no povo, contribuindo para a diminuição da prática religiosa e gerando em muitos uma profunda crise de fé.

Aparentemente, a República francesa, com o golpe de Estado de Napoleão III, em 1852, voltou a ser um império hereditário e seguiu novos caminhos difíceis, porque o império de Napoleão III será constelado por toda uma série de guerras: Guerra da Crimeia (1854-1855) e Guerra da Itália (1859), as expedições da Síria, da China (1860), do México (1861-1867) e a guerra contra a Prússia (1870), que custará o trono ao imperador, com a conseqüente proclamação da III República. Proclamada em 4 de setembro de 1870, ela deve, durante os primeiros meses (março-maio de 1871), enfrentar a insurreição da comuna de Paris, onde ocorre o fuzilamento do arcebispo Darboy, com outros 62 reféns, o cumprimento do Tratado de Frankfurt (10 de maio de 1871), com a conseqüente perda da Alsácia e da Lorena, e o pagamento, em três anos, de 5 bilhões de francos.

Em um primeiro momento, a cena política é dominada por forças conservadoras, substituídas às vezes um pouco pelas forças liberais anticlericais, que lançam uma ofensiva contra o catolicismo, a qual atinge principalmente a escola e as congregações religiosas. Um dos motivos dessa ofensiva está na oposição do clero. De fato, ele permanece preso demais à lembrança dos tempos anteriores à revolução; o catolicismo se torna, então, sinônimo de monarquia e a Igreja católica aparece como uma potência estranha e inimiga. Essa mentalidade

produz profundas divisões entre os católicos franceses, entre intransigentes e liberais. Tal divisão, na verdade, não diz respeito apenas à Igreja como também atinge toda a sociedade francesa. Um exemplo clássico, que mostra como são profundas na França essas fraturas e divisões, é a permanência do *affaire Dreyfus*, com toda a passionalidade, tipicamente francesa, que suscita. A *caso Dreyfus*, porém, é também a ocasião que permite uma transformação da política francesa, uma nova redefinição dos partidos políticos e a consolidação dos radicais e dos socialistas, que governarão a França de 1900 a 1914, ano em que se iniciou a Primeira Guerra Mundial. Dentro desses governos radicais e socialistas, o anticlericalismo vai aumentando de proporção e assim se chega, gradualmente, à ruptura das relações diplomáticas com a Santa Sé e à lei de separação entre Igreja e Estado, de 9 de dezembro de 1905.

Além desse estado de coisas, a situação política descrita acima tem de enfrentar também a Revolução Industrial, o abandono da zona rural, com a rápida urbanização como consequência, e uma extraordinária rapidez de desenvolvimento, de mudança dos meios de produção e das relações sociais. Contudo, deve lidar ainda com a terrível condição de exploração e miséria crônica do proletariado.

A política externa dos estados europeus, que se caracterizou pela continuação da expansão colonial presente já nos séculos precedentes, encontra agora novo dinamismo. Os estados europeus precisam de colônias: é nesse período que a África – para nos limitarmos a ela –, um continente de vinte e oito milhões de quilômetros quadrados, é dividida, conquistada e efetivamente ocupada pelas nações industriais da Europa. A expressão mais clamorosa dessa mentalidade é o Congresso de Berlim, de 1885, durante o qual a África é “dividida”, enquanto para os outros continentes se decidem “esferas de influência”.

A epopeia francesa iniciou-se em 1830, com a ocupação da Argélia, depois do Senegal e da Tunísia (1881), prosseguida na Indochina (1883), na África central e equatorial (1880-1914), em Madagascar (1895) e em Marrocos (1904). Sem esquecer que, quando começa a época do colonialismo, a França já possui territórios ultramarinos (Martinica). O ministro Ferry faz da Tunísia um protetorado francês e desenvolve a presença francesa na Ásia. Um exemplo que toca de perto a Itália: a Argélia se torna um “prolongamento da França” e passa a depender diretamente do Ministério do Interior. Por isso, Ferry transforma os 3.800.000 magrebinos muçulmanos em “nationaux français sans droits civiques” e governa a Argélia como se fosse uma província francesa, convidando seus cidadãos a se estabelecerem ali como colonos. Dividida em três províncias, tem direito a 6 deputados e 3 senadores, eleitos só pelos cidadãos franceses. Os territórios do Saara têm um comandante militar. No início da Primeira Guerra Mundial, a França é o segundo império colonial, com onze milhões de quilômetros quadrados e 48 milhões de habitantes.

A IGREJA

Dentro do catolicismo, podemos destacar a tendência da Igreja a “certo espírito defensivo”, a um recolhimento sobre si mesma. Ela sente-se atacada e combatida no seu poder temporal e, por outro lado, vê seus fiéis dominados por ideologias contrárias a sua doutrina. Sente-se, portanto, levada a criar ambientes nos quais possa testemunhar sua doutrina espiritual como a única verdadeira e benéfica. Nesse clima eclesial se compreende a proclamação solene do dogma da infalibilidade papal por parte do Concílio Vaticano I (1870). A Igreja é ajudada nisto pelo Romantismo, que aparece no início do século como elemento dinâmico

de retomada. Pelo menos em um primeiro momento, ela julga que o melhor modo para fazer acolher e viver a verdade espiritual cristã seja restaurar a ordem social antiga: magnifica os usos tradicionais prescrevendo sua observância, exalta o apego ao contexto religioso agrícola, sanciona que sua teologia espiritual está acima de qualquer relatividade cultural, orienta os fiéis a praticar de maneira inalterável os sagrados princípios ascéticos.

É por isso que ressurgem algumas devoções, como o culto ao Sagrado Coração de Jesus, a devoção eucarística e, ligados a ela, os primeiros congressos eucarísticos internacionais, o culto ao Menino Jesus, a devoção a Virgem. Não esqueçamos que nesse século se dá a proclamação do dogma da Imaculada Conceição (1854) e as aparições de Nossa Senhora na Rue de Bac, em Paris (1830), em La Salette (1846) e em Lourdes (1858). Além disso, a renovada atenção à cristologia é estimulada pela renovação litúrgica e pela piedade eucarística, incrementada pelos decretos de Pio X sobre a comunhão diária (1905) e sobre a comunhão para as crianças (1910). Permanece, porém, uma espiritualidade cristológica mais centrada na cruz que na ressurreição, de modo a gerar uma espiritualidade de reparação – não apenas dos pecados individuais como também dos “sociais” – e de vitimização. Também Charles de Foucauld participará dessa espiritualidade. Entre as muitas páginas que escreverá, citamos uma passagem da breve meditação sobre João 1,36:

Somos como vós, “vítimas para a redenção de muitos”, unindo para a santificação dos homens as nossas orações às vossas, os nossos sofrimentos aos vossos, entrando profundamente no vosso exemplo na mortificação, para ajudar-vos eficazmente na vossa obra de redenção, pois o sofrimento é a condição *sine qua non*

para fazer o bem ao próximo: “Se o grão de trigo não morrer, não dá nada”...²

Para o cristão do século XIX, a devoção ao Sagrado Coração é um convite a imitar Cristo, a segui-lo, a conformar-se a ele e a viver com ele e como ele; a missa renova misticamente o sacrifício feito por Jesus Cristo, ao morrer na cruz pela reconciliação da humanidade inteira com Deus; na comunhão eucarística se realiza a participação mais perfeita nesse único, supremo e irrepetível ato sacrificial, “ao se receber” Jesus mesmo sob as espécies eucarísticas, isto é, assimilando-se a ele e a seu ato de amor. Ato de amor que continua depois no serviço aos pobres: quando se serve os pobres é como se se servisse o próprio Jesus Cristo, pois eles “são um reflexo dele”. Charles de Foucauld confessa em uma carta a Louis Massignon:

[...] não creio que haja palavra no Evangelho que tenha causado impressão mais profunda sobre mim e transformado mais a minha vida do que esta: “Tudo o que fizestes a um desses pequeninos, fizestes a mim”. Ao se pensar que estas palavras são da Verdade incriada, palavras da boca que disse “isto é o meu corpo... isto é o meu sangue”, com que força se é levado a buscar e amar Jesus nesses pequenos, nesses pecadores, nesses pobres, utilizando todos os meios materiais para o alívio das misérias temporais...³

Em resposta à Revolução Industrial, por volta do final do século XIX, é publicado um documento muito importante da Igreja, a *Rerum novarum*, de Leão XIII, no qual se tem uma maior atenção às condições de exploração e à miséria da

² C. DE FOUCAULD, *L'imitation*, p. 145.

³ J.-F. SIX, *L'Aventure*, p. 210.

classe operária industrial e agrícola, quase uma espécie de encarnação da Igreja e, mais especificamente, dos católicos nos problemas sociais da história do tempo. Ao viver mais perto da “questão operária”, o catolicismo tenta oferecer uma imagem mais fiel de Cristo: Verbo encarnado, homem entre os homens, que viveu a história humana com tudo o que ela comporta; a espiritualidade assume, portanto, uma dimensão de encarnação e um caráter cristocêntrico, no qual o primado vai para a caridade.

No seu interior, a Igreja, depois do drama das supressões no período da Revolução, vê não só renascerem as antigas ordens religiosas como também o florescimento de novas formas de vida consagrada, que se apresentam como resposta às exigências do tempo e da nova sociedade que lentamente está nascendo e cujo número supera em muito o de qualquer época histórica. Paradoxalmente, como sempre, quando a Igreja é perseguida, ela renasce vivendo um forte despertar religioso, marcado por diversos fatores: o aumento das vocações sacerdotais (durante o império de Napoleão, a cifra anual das ordenações sacerdotais, que não superou as 600 unidades, em 1829 alcança a cifra de 2.357 unidades); a reconstituição das ordens religiosas (as religiosas, depois do Estatuto de 1825, que facilitava seu reconhecimento, passam de 12.500 para 25 mil); os jesuítas também são reconstituídos; em 1833, por interesse de dom Guéranger, os beneditinos voltam a Solesmes; em 1841, os dominicanos são readmitidos. A renovação do corpo episcopal consegue bons bispos; as missões populares são intensificadas; retomam-se a vida nas paróquias e as obras para a educação de jovens.

As congregações nascentes sentem de modo particular o compromisso com o apostolado em todos os campos sociais; a orientação principalmente apostólica se especifica em obras de ensino, de educação da juventude, de assistência

aos pobres e aos deserdados, de serviço social aos órfãos, aos inválidos, aos velhos, aos doentes mentais. O século é abundante em santos e santas fundadores, os quais, tocados por uma necessidade grave da sociedade do seu tempo e sob a ação da graça, criam, entre mil dificuldades, instituições e obras que dão testemunho de como o amor de Cristo é inseparável do amor aos irmãos.

Ao lado do florescimento da vida religiosa e sacerdotal, assiste-se ao surgimento de uma consciência laical, quase inexistente antes, e a uma presença sempre mais ativa do leigo na vida da Igreja. Esse despertar do laicato desenvolverá também um modo novo de conceber e viver a vida espiritual, caracterizada principalmente pela ação social e mais imersa na vivência do povo cristão (para dar apenas um exemplo, pensemos na obra extremamente preciosa de Frederico Ozanam).

Nesse clima, também Charles de Foucauld pensa, para sua obra missionária, em ajudantes leigos que, com seu exemplo, poderiam favorecer a expansão da Igreja como nos primeiros tempos do cristianismo; não grandes grupos, mas pequenos grupos de tipo familiar. Ele também é conquistado por uma ideia:

[...] uma espécie de ordem terceira que tenha entre suas finalidades a conversão dos infiéis; [essa inspiração] me veio em setembro passado, durante o retiro. Voltou-me à mente muitas vezes depois, junto com a consideração de que, para os povos cristãos, se trata de um precioso dever – e não apenas de uma obra de zelo simplesmente recomendada – trabalhar ativamente na conversão dos infiéis e, sobretudo, em suas colônias. Parece-me que seria o caso de mostrar esse dever às almas que não parecem se dar conta disso e incentivá-las a realizá-lo.⁴

⁴ C. DE FOUCAULD, *XXV lettres inédites à l'abbé Caron*, p. 51-68.

Isso nos introduz em uma outra característica da Igreja do século XIX: é uma Igreja missionária. Os cristãos do século XIX são muito sensíveis à evangelização dos povos não cristãos. Com a chegada do colonialismo, a Igreja também percebe a necessidade de se expandir fora da Europa para anunciar o Evangelho; situação favorecida por aqueles mesmos elementos que estavam determinando a conclusão dos impérios coloniais da África e da Ásia. Pensemos na Obra da Propagação da Fé, que será tomada segundo o modelo de outras associações semelhantes nos países europeus e que nasce em Lião, em 1822, graças a Pauline Jaricot.

Nessa obra missionária, a França conservará sempre o primeiro lugar tanto pelo número de missionários como pelos meios empregados. Essa expansão levará ao nascimento de muitas congregações missionárias.⁵ Como exemplo dessa Igreja missionária, tomemos Irmão Charles. No momento em que ele desembarca na Argélia, em setembro de 1901, o ex-vicariato apostólico do Saara-Sudão acabava de ser dividido em duas circunscrições: o Sudão, governado por Mons. Bazin, e, mais ao norte, a prefeitura apostólica do Saara, confiada a Mons. Charles Guérin, um jovem padre branco de 29 anos que será, portanto, o superior direto de Charles de Foucauld. Como dizíamos, é uma zona administrada pelo exército, quase totalmente desprovida de civis cristãos – em 1910, há uma dúzia –, e é um território no qual se é difícil trabalhar. Depois de ter fechado El Abiodh, em 1902, os padres brancos mantêm aí três estações: Ghardaia, sede da prefeitura, Uargla e El Golea. Em dezembro de 1904 sobrevém a

⁵ Por exemplo, os Maristas (1817), os Padres do Sagrado Coração (1832), o Instituto dos Padres do Espírito Santo (1848), a Sociedade das Missões Africanas (1856), os Padres Brancos (1868), os Oblatos de São Francisco de Sales (1871) etc. Cf. J. DAoust, France. In: *DIP*, IV, p. 565-572.

proibição de se criarem novas bases no Saara. Se no início se compartilha a mentalidade atual que vê a expansão colonial como obra providencial para fazer avançar a civilização e o anúncio evangélico nas terras conquistadas,⁶ em um segundo momento tentou-se abandonar essa ideia; os missionários se esforçam com todas as suas energias por estudar os costumes, conhecer as tradições e a mentalidade dos povos entre os quais vivem. E um dos maiores pioneiros dessa abertura, de despojamento da veste europeia para encarnar-se no povo entre o qual vive, é o próprio Charles de Foucauld.

⁶ Ver, por exemplo, a convicção de Mons. Guérin, Prefeito Apostólico do Saara, e do Card. Lavigerie – aliás, comum a todos os franceses da época – de como a colonização favorece a evangelização.